

Nota Prévia

Dado que durante vários anos me dediquei a estudar o legado deixado pelos primeiros barões do Reino e, assim, a dar a conhecer o seu papel na construção de Portugal e a sua umbilical relação com a vila de Alvito, decidi dedicar-me à elaboração desta publicação durante as comemorações dos 550 anos da baronia.

Trata-se de um resumo da história de Alvito e da biografia de cada um dos barões, com o intuito de esclarecer alguns aspetos fundamentais desta vila única.

Importa lembrar que Alvito esteve presente nos momentos decisivos da História de Portugal, apoiando, com os seus habitantes e produções de bens, as dolorosas empresas pelo mundo fora. Recordar a importância de Alvito, ao longo dos tempos, onde, por exemplo, nasceu um príncipe filho de D. João III, que foi paragem obrigatória da Coroa, onde Gil Vicente se passeou e estreou uma peça, onde viveram inúmeros letrados, embaixadores dedicados a estabelecer a paz entre os povos, através de negociações e tratados, são factos essenciais na identidade deste território.

Por reconhecer em Alvito e nos seus barões inspiração para a Paz, lanço o mote, que Alvito se reja sempre pela harmonia, amizade e Paz como valores máximos no seu concelho.

Por saber que sou guiada pelo meu pai Rui e pelo meu irmão Jorge, lá do alto, onde não se sabe bem onde fica, dedico-lhes, com saudade, esta publicação.

Agradeço ao concelho de Alvito a simpatia e amizade que têm revelado pelo trabalho realizado, em especial ao Presidente da Câmara, José Efigénio, e ao Turismo de Alvito, nas pessoas de Rute Viola e Carla Figueira, entusiastas e empenhadas alvitenses, que têm sido incansáveis.

A autora solicita ainda a todos os leitores que conheçam o paradeiro de retratos, documentos, objetos, bibliografia, ou simplesmente histórias sobre esta família, o favor de gentilmente

partilharem essa informação, utilizando para tal o e-mail baraodealvito@gmail.com.

Resta acrescentar uma pequena nota: numerei os barões de Alvito tendo em conta apenas quem por direito o podia obter, pelo que a partir de D. Bernarda Caetana, 9^a baronesa, é possível que não exista correspondência exata com alguma bibliografia.

Maria Alexandra Serôdio Lobo da Silveira Forjaz

Bem-vindo ao Castelo de Alvito: Uma Viagem pela História

Prezado visitante,

Convidamo-lo a mergulhar nas ricas tapeçarias do tempo que envolvem a nobre vila de Alvito, o seu imponente castelo e a ilustre família que, ao longo de séculos, moldou o seu destino. Esta publicação resumida foi concebida para enriquecer a sua visita, revelando as histórias, os triunfos e os desafios daqueles que aqui viveram e deixaram a sua marca indelével.

A História da Região de Alvito

A região de Alvito possui um passado que remonta a eras imemoriais. Desde o período Neolítico que estas terras testemunham a presença humana, com vestígios que se estendem pelas Idades do Cobre, Bronze e Ferro, indicando uma ocupação contínua e a adaptação das comunidades às transformações dos tempos. A sua localização estratégica no Alentejo e a abundância de água, tornou-a, desde cedo, um ponto cobiçado e de relevo.

Com a formação do reino de Portugal, Alvito integrou-se no novo território, sendo conquistada pelas forças portuguesas em 1234. A consolidação do domínio e o desenvolvimento da povoação foram impulsionados em 1251, quando a vila foi doada a D. Estêvão Anes, figura que promoveu ativamente o seu repovoamento, essencial para a fixação das fronteiras e a dinamização económica local. Uma data importante na sua autonomia administrativa ocorreu em 1280, com a concessão da carta de foral pela Ordem da Santíssima Trindade, um documento que estabelecia os direitos e deveres dos seus habitantes. Esta carta foi posteriormente confirmada pelo rei D. Dinis em 1283, um monarca conhecido pela sua visão organizadora e pelo fomento do povoamento e da agricultura no reino.

O século XV marcou um ponto de viragem para Alvito. Foi neste período que D. Afonso V, o Africano, reconhecendo a importância da família dos Lobo e os serviços prestados à Coroa pelo doutor João Fernandes da Silveira, concedeu a este último o título de Barão de Alvito. Esta decisão não só elevou o estatuto da família, como também estabeleceu em Alvito a primeira baronia de Portugal, única no país nos seguintes duzentos anos, um feito singular que sublinhava a proeminência da vila. Ao longo dos séculos XV e XVI, Alvito floresceu, consolidando-se como um importante centro político e económico no coração do Alentejo, testemunhando o poder e a influência dos seus barões e refletindo as dinâmicas sociais e económicas da época.

D. José Lobo da Silveira Quaresma, 16º barão e 4º marquês de Alvito (*11 de março de 1826 – †15.11.1917)



D. José Lobo da Silveira Quaresma, o último barão de Alvito sobre o qual o texto faculta informações detalhadas e inúmeras anedotas, nasceu a 11 de março de 1826. O seu nascimento ocorreu na freguesia de Santa Engrácia, Lisboa, na Rua da Cruz de Santa Apolónia, no palácio Quaresma-Alvito, residência da sua família. Sucedeu à sua mãe nos títulos e na casa a 7 de junho de 1858. Como Par do Reino, por sucessão a seu avô, o 3º marquês de Alvito, prestou juramento e tomou posse na câmara respetiva na sessão de 1 de março de 1861. O título de Marquês de Alvito em sua vida, e os de Conde e Barão de Alvito, de juro e herdade, foram-lhe renovados por decreto de 15 de dezembro de 1861.

D. José Lobo da Silveira desempenhou importantes funções na corte, sendo gentil-homem da câmara do rei D. Luís. Recebeu diversas condecorações, como a grã-cruz das ordens da Coroa de Itália, de Carlos III de Espanha e da Rosa do Brasil. Foi Oficial-Mor honorário da Casa Real e Camarista do rei D. Carlos e, posteriormente, do rei D. Manuel II. Era também um abastado proprietário nos distritos de Lisboa e de Beja. A 2 de outubro de 1848, D. José casou com D. Mariana Luísa de Sousa Coutinho, sua prima direita, primeira filha dos 15ºs condes de Redondo. D. Mariana faleceu em Belém, Lisboa, a 24 de abril de 1882. Uma das anedotas mais repetidas por D. José referia-se precisamente a este